

O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz” e “Os lugares imprevistos do amor”

LOVE AND WOMEN'S AGING IN TWO CHRONICLES BY CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz” e “Os lugares imprevistos do amor”

Jane Adriane Gandra¹ (UEG)

RESUMO: Este artigo pretende discutir a visão feminina sobre os relacionamentos amorosos na modernidade, por meio de duas crônicas da escritora e jornalista goiana Cássia Fernandes, “Amor à voz” e “Os lugares imprevistos do amor”. A crônica é um texto agradável, que reflete sobre temas da realidade social e proporciona desfechos inesperados ao leitor. Destacam-se aqui o protagonismo feminino, discutindo o ruir das relações humanas na sociedade de consumo. Mariana e Mônica são duas mulheres maduras e solitárias que desejam encontrar alguém para se relacionarem. Ambas conseguem, ao seu modo. Mariana se apaixonando, de maneira surreal, pela voz da cancela do Shopping Center e Mônica investindo em encontros amorosos nas idas ao supermercado de madrugada.

Palavras-chave: crônica; mulher; amor; envelhecer feminino; modernidade.

ABSTRACT: *This article aims to discuss the female view of relationships in modernity, through two chronicles by the writer and journalist Cássia Fernandes from Goiás, “Amor à voz” and “Os lugares imprevistos do amor”. The chronicle is a pleasant text, which reflects on themes of social reality and provides unexpected outcomes to the reader. The female protagonism is highlighted here, discussing the collapse of human relations in the consumer society. Mariana and Mônica are two adult and lonely women who want to find someone for a relationship. Both succeed, in their own way. Mariana falling in love, in a surreal way, with the voice of the Shopping Center gate and Mônica investing in romantic meeting going to the supermarket at dawn.*

Keywords: *chronicle; female; love; female age; modernity.*

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) e Pós-Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa (UCP-Braga/Portugal). Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Posse. CV: <http://lattes.cnpq.br/9027649509165461> E-mail: jane.gandra@ueg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7400-1610>

1. Introdução

A crônica é um texto que agrada muitos leitores, por apresentar temas atuais, linguagem e desfechos surpreendentes. Geralmente, trata-se de uma narrativa curta que contém humor e ironia, fazendo com que, ao mesmo tempo, aquele que a lê divirta-se e reflita sobre questões da contemporaneidade.

Massaud Moisés (2004) comenta que a crônica é um gênero narrativo que, além de desafiar o prosador a discutir poeticamente um fato banal, ela ainda pode evidenciar os dotes do autor como contador de histórias, ao se aventurar neste tipo de texto. Embora a crônica seja um gênero ainda pouco estudado, importantes escritores brasileiros, como Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Rubem Braga, dedicaram-se à escrita das mesmas. Além disso, ela se aproxima muito ao gosto do público em geral, por algumas qualidades: são breves e impactantes; motivam reações diante de algum tema polêmico ou não; podem possibilitar emoções e recordações sobre determinado fato, aparentemente corriqueiro, ora tratado poeticamente.

Angélica Soares (2007) acrescenta mais informações sobre a crônica e apresenta uma conceituação interessante dela como gênero narrativo:

Ligada ao tempo (chrónos), ou melhor, ao seu tempo, a crônica o atravessa por ser um registro poético e muitas vezes irônico, através do que se capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Polimórfica, ela se utiliza afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens ficcionais..., afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o (SOARES, 2007, p.64).

Nesse estudo de Soares, há ainda esclarecimentos sobre o surgimento e evolução da crônica e que a mesma foi um dos primeiros manuscritos a serem cultivados pela humanidade. Seu desenvolvimento se deu a partir do século XII, passando a ser denominada de cronicões, os antigos relatos factuais testemunhados. A partir do século XIX, a crônica deixa o campo da historiografia e adquire um novo *corpus* como “um texto de imprensa”, como salienta Carlos Reis “[...] através de um discurso eminentemente pessoal. O cronista trata então de comentar esse fato ou incidente, realçando neste as dimensões culturais, ideológicas, sociais e psicológicas, que a primeira vista escapariam a um observador desatento (REIS, 2007, p.88). Antonio Candido (1992), citado por Carlos Reis, esclarece que

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

a crônica literária não nasce com o surgimento do jornal, mas sim quando se inicia a tiragem diária e de quantidade expressiva, transformando-a em mais um entretenimento da época. Nessa perspectiva, ela obtém um caráter estético como o poema e o conto.

Annabela Rita explica brevemente a respeito da estrutura da crônica moderna:

A sua identidade apoiar-se-á cada vez mais na autoria: a realidade social, política, cultural, etc. tornar-se-á progressivamente o quadro onde o cronista procura e seleciona qualquer fato quase como pretexto para discursar, opinar e, até mesmo, efabular. Deste modo, a crônica esteticiza-se. A crônica contemporânea, discurso de autor, oscila entre ser predominantemente comentativa, reflexiva e efabulatória (RITA, 2018, s.p).

Portanto, o texto cronístico estreitará as fronteiras entre jornalismo e literatura, abrindo espaço de criação para intelectualidades, jornalistas e ficcionistas exercitarem a veia crítica e poética nas páginas de periódicos.

Como objeto desta análise, *A Força da Palavra* é um *E-book* de quarenta e oito crônicas publicadas por dezesseis cronistas desde a inauguração do Jornal *O Popular*, como brinde aos seus leitores pela passagem dos 83 anos de existência. O interesse atual pela leitura e pelos estudos dessas crônicas está em dois aspectos descritos pelos organizadores do *E-book*:

Usar o humor e a ironia para repassar uma leitura da realidade mesmo que pesada, ativando a imaginação e nos convidando a refletir. [...] Em retratos variados quanto a temas e estilos sobre os tempos atuais, sobre assuntos cotidianos, sobre os desafios da existência humana, sobre as relações que são estabelecidas e geram ações e reações que alteram o fluxo da vida (ALVES; CARDOSO; BITTENCOURT, 2021, p.2).

Outra relevância do *E-book*, de caráter regional, é divulgar e dar notoriedade à literatura atual realizada por estes autores entre os próprios goianos. A coletânea também favorece revisitar estes textos com novos olhares e verificar o valor literário e cultural deles, que poderiam estar hoje esquecidos e espalhados nas páginas do jornal *O Popular*. Contudo, o *E-book* traz uma possibilidade muito mais arrojada do que uma mera ambição local, pois há a chance de essas composições transporem as fronteiras de estado, devido à abrangência da rede virtual, onde o material foi divulgado, e colocar em evidência, no cenário nacional, nomes de escritores, talvez, desconhecidos.

Em geral, as crônicas selecionadas em *A força da palavra* são breves, compostas de

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

uma linguagem fluida, apresentadas algumas vezes no formato de diálogos. A abordagem que seus autores fazem sobre temas e episódios do dia a dia transformam-se numa grata surpresa, pois os títulos nem sempre antecipam ou remetem acerca do assunto que irão tratar.

O presente artigo analisa duas crônicas, “Amor à voz” e “Os lugares imprevistos do amor”, da jornalista Cássia Fernandes, sob a postura feminina ante aos interditos e aos preconceitos da modernidade relativos à mulher. A composição dos dois enredos gira em torno de conteúdos como o amor, a solidão, a sexualidade e o envelhecimento feminino. As protagonistas são mulheres maduras e solitárias que vivem o dia-a-dia em grandes centros urbanos, nesse caso Goiânia.

Em “Amor a voz”, Eleonora, uma descrente em questões sobre o amor, narra um episódio inusitado sobre o dia em que a amiga Mariana lhe revela o novo namorado. Contudo, esta se esquece de ressaltar que o pretendente era a voz da cancela do Shopping. Fato que o leitor somente conhece quase ao término da narrativa.

[Fala de Eleonora] ‘Já vi casos de quem se apaixonou por um sistema operacional, como no filme *Her*, mas pela voz da cancela?’

[Fala de Mariana] ‘Pois tenho uma porção de amigos que construíram uniões estáveis com a gravação do cartão de crédito. Nem falo dos amores de verão com a voz do aeroporto’ (FERNANDES, “Amor à voz”, 2021, p.12).

Mesmo que o ceticismo de Eleonora tente mostrar o absurdo da relação amorosa da colega com uma máquina. Parece que, nesse caso, o amor corresponde a se sentir segura e pertencer ao grupo de mulheres bem sucedidas afetivamente. Por isso, Mariana inconformada com a solidão procura uma maneira, mesmo que insólita, de se sentir amada. Nesse ponto da narração, há um intertexto em referência ao filme americano *Her* (*Ela*, 2013), de Spike Jonze, como maneira de expandir as reflexões sobre um problema social da modernidade: as relações entre o indivíduo solitário e a tecnologia. Embora o indivíduo moderno esteja vivendo a era das comunicações, com as redes sociais multiplicando contatos e rompendo com as fronteiras físicas da socialização, é cada vez mais alarmante a sensação de abandono e de solidão sofrida por milhares de pessoas.

Na crônica “Amor à voz”, Mariana expõe a sua visão sobre o despreparo dos homens nas relações amorosas, especialmente na dificuldade que eles tem de expressar sentimentos e vontades.

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

[Eleonora]‘Você está me dizendo que namora aquela voz da cancela eletrônica?’

[Mariana]‘Qual o problema? Ele me disse mais palavras gentis do que ouvi em toda a minha vida dos nativos. Os homens locais só emitem grunhidos ou emojis, padecem de afasia ou são lacônicos. Mal nos dizem boa noite.

Raramente, um bom dia. E raramente demonstram gratidão pelo que lhes Damos’

[Eleonora]‘Mas quando ele diz bem-vinda, na verdade, bem-vindo, ele dá as boas vindas, digo, as boas idas ao shopping, não a ele. O mesmo quando fala obrigado pela escolha. Refere-se ao shopping, não ao fato de você o ter escolhido. E repete para todas e todos.’

[Mariana]‘O que tem? Você já não conheceu homens com repertório limitadíssimo, que só distribuem frases feitas para todas? Além do mais, exclusividade no amor é uma bobagem do século 20, aliás, 19’ (FERNANDES, “Amor à voz”, 2021, p. 12).

Comenta também sobre as fragilidades do amor moderno, tais como, o emprego de um falso romantismo nas conquistas e a efemeridade do interesse sexual. Além da monogamia parecer algo ultrapassado na modernidade.

Todas as expectativas de comportamento lançadas sobre o sexo oposto são em decorrência daquilo que Pierre Bourdieu (2005) chamou de “jogos sociais”. São neles que tanto homens como mulheres são alienados para exercerem seus papéis sociais de dominante ou dominado. Quando isso não ocorre, seguindo a imposição dos padrões institucionais, gera constrangimento e/ou frustração nas pessoas envolvidas na relação a dois. Contudo, a modernidade vem legitimando a fluidez na fronteira de poder entre os gêneros. Mais do que ontem, é possível ouvir vozes femininas, como as da personagem Mariana, comentando abertamente sobre a sua sexualidade, sem assombramento ou condenação.

A temática da solidão é também debatida pelo narrador heterodiegético de “Os lugares imprevistos do amor”. Esse enredo conta a história de Mônica, uma pessoa reclusa que sonha estar em um relacionamento sério, pois observa e acredita que todos à sua volta tenham uma vida feliz em família.

Mônica está cansada de ir às compras só e mais ainda de procurar o amor nas ruas. Os homens interessantes não estão lá, nos bares, nas festas, nas boates, em lugar algum. Só mesmo se o acaso lhe sorrir. À procura de um norte, ela leu uma vez e uma revista feminina que o amor acontece até nos lugares mais imprevistos, nos supermercados abertos 24 horas, por exemplo (FERNANDES, “Os lugares imprevistos do amor”, 2021, p. 14).

Ela segue à risca as instruções das revistas femininas sobre como obter o pretendente ideal. Assim, toda a oportunidade de sair era ir à caça do homem de seus sonhos. No dia em que vai ao supermercado despreocupadamente conhece alguém.

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

Naquela noite, porém, meia noite, para ser precisa, teve uma vontade súbita de comer palmito. Foi descabelada mesmo, roupa puída, matar seu desejo fantasiado de grávida. Enquanto distraidamente pegava o primeiro vidro que via, o rapaz lhe perguntou como é que se fazia para escolher palmito. Ele sempre errava. Mônica lhe ensinou, prestativa, e trocaram contatos. Ela até se esqueceu de comer sua delícia (FERNANDES, “Os lugares imprevistos do amor”, 2021, p. 14).

Depois desse episódio, Mônica encontra a felicidade, pois havia descoberto a fórmula de conhecer pessoas para movimentar a sua vida social e amorosa. Ela conhece duramente a dor por cada desencontro que teve. Esse sentimento de insegurança e de rejeição, sofrido habitualmente pelos indivíduos na modernidade, advém daquilo que Zygmunt Bauman conceituou como “o reino da coleção de experiências”.

Nada resulta do encontro sexual, salvo o próprio sexo e as sensações que acompanham o encontro; o sexo, pode-se dizer, saiu da casa familiar para a rua, onde apenas os transeuntes acidentais encontram quem – enquanto encontram – sabe que mais cedo ou mais tarde (antes mais cedo do que mais tarde) seus caminhos são obrigados a se separar novamente (BAUMAN, 1998, p. 184).

Bauman (2001) caracteriza os tempos atuais como líquido-modernos. Isto é, uma realidade ambivalente em que tudo é efêmero, adaptável e irrelevante. Nesse tipo de sociedade pós-industrial as relações humanas, muitas vezes, confundem-se com os aspectos de mercadoria, e o indivíduo passar a sofrer todas as consequências do espírito consumista e de descarte do mercado. Sobre essa questão, Erich Fromm (1987) esclarece que o ato de consumir está diretamente ligado à sensação de bem estar das pessoas num mundo de muitas ausências.

Consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia a ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, porque o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer (FROMM, 1987, p.45).

Por isso, não parece ser coincidência o fato de a cronista Cássia Fernandes optar por espaços comerciais, como o shopping center e o supermercado, para ambientar os dramas da vida moderna das solitárias. O simulacro da realidade social em “Amor à voz” é, para a narradora Eleonora, repleta de desencontros, pois os relacionamentos são fugazes e difíceis

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

de acontecerem. E isso se intensificaria à medida que a mulher envelhece.

De acordo com Katia Simone Ploner (2008), possivelmente isso ocorra, porque a sociedade capitalista considera que,

o velho está em fase de degeneração, sem condições de continuar produzindo para ser útil ao sistema, a velhice passa a ocupar um lugar desprestigiado e marginalizado. Na velhice a pessoa perde seu valor social, pois já não é mais produtora de riquezas (PLONER, 2008, p. 143).

Ainda em seu estudo, Ploner discute que ser velho está diretamente associado a enfermidades; ao esquecimento por parte do outro; à queda de autoestima e, conseqüentemente, a uma aparência estética feia e desleixada. Associada a padrões sociais de beleza e de juventude, a mulher é muito mais cobrada do que o homem quando envelhecem. Ela, para se manter em foco socialmente, precisa recorrer a procedimentos estéticos, como pintar cabelos embranquecidos e fazer cirúrgias plásticas.

No ficcional de Fernandes, tanto Mariana quanto Mônica estão inconformadas com a perspectiva de envelhecerem sozinhas. Mariana consegue, de maneira excêntrica e divertida, burlar os efeitos nocivos da soledade e se apaixona pela voz da cancela, e crê ser correspondida. De outro lado, Mônica confia os seus medos de não ser mãe e constituir uma família por não ser mais jovem. Desolada, ela vê com angústia o seu sonho materno se diluir com a ação do tempo sobre o seu corpo. Sabe também que a sociedade de mercado é cruel com o envelhecimento da mulher, por vezes, comparada à mercadoria, com os seus prazos de validade para o consumo: “E ela, ali – os óvulos caindo um a um, todo mês, como mangas maduras passadas do tempo de colher” (FERNANDES, “Os lugares imprevistos do amor”, 2021, p.14). Existe uma intensa cobrança social pela eterna juventude da mulher. Nas duas crônicas em análise, há questões relativas ao etarismo feminino, que é um preconceito contra a mulher depois que ela perde a jovialidade corporal. Assim, a sua existência e o seu corpo são descartados como algo inútil e obsoleto.

Se tudo se perde, se tudo passa do ponto: a carne, a imensa melancia, ela mesma, cuja data de fabricação já está meio apagada nos documentos de identificação. Ela, que já foi lançamento, marca nova com campanha de divulgação, já está quase com a data de felicidade vencida. Nem as pequenas delícias da solteirice lhe servem de consolo. Poder levar todas as bobagens e guloseimas que se quer e deseja, e comê-las inteiras, sem ter que repartir com uma família de bocas famintas. Me dá só um pedacinho! Nada disso! Os bombons divinos só para ela! O xampu perfumado que

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

dura meses! E, claro, o café solúvel que não dissolve nunca o seu desespero (FERNANDES, “Os lugares imprevistos do amor”, 2021, p.14).

Mônica passa a ter um comportamento neurótico, diante à pressão social e do tempo sobre a maternidade. Começa a acreditar que somente ela não é feliz, por não ter filhos. Assim, obter uma família é, para Mônica, o mesmo que ter sido escolhida pelo amor de alguém. Nesse momento da história, o narrador irônico interrompe os pensamentos de sua protagonista, descortinando a visão de amor romântico e de felicidade.

Ela exagera, claro. Fantasia um pouco – convenhamos. Ir às compras em família não é necessariamente o que se pode chamar de excitante. E famílias já não são exatamente apaixonadas. Mas é que – ah, natureza humana! – o frango a R\$ 1 real do carrinho ao lado sempre nos parece mais barato do que o nosso. Por falar em carrinho, é ali mesmo na entrada do supermercado que começa seu drama. Enquanto os outros, os felizes, os bem casados, os namorados, os escolhidos pelo Amor, pela Sorte, pela Fortuna, vão longo conduzindo aqueles carrinhos gigantes, ela carrega, envergonhada, uma mísera cestinha, afinal, para que comprar tantos víveres se em seu pequeno apartamento só uma boca vive e tão sozinha? (FERNANDES, “Os lugares imprevistos do amor”, 2021, p.14).

Assim, a voz narrativa expõe como a inveja deturpa a realidade e impede que a pessoa seja feliz com aquilo que possui. Há uma imensa pressão para que todos se encaixem aos padrões sociais decretados pela modernidade e quando isso não ocorre traz sofrimento e exclusão dos indivíduos.

Sílvia Alexim Nunes adverte que a sociedade patriarcal tende a culpabilizar e a diminuir a mulher não casada. Ironicamente, esta é ainda mais humilhada por outras mulheres, que acreditam que a solteirona teria transgredido o “sagrado” do perfil feminino, assegurado pela sociedade e natureza, diante das instituições sociais.

Interessante notar que o exercício da maternidade era diretamente vinculado à necessidade de um sacrifício por parte das mulheres. Elas deviam sacrificar seus anseios, seus projetos, sua capacidade de pensar, seus direitos pessoais e civis, em nome dos filhos e do marido. Essa capacidade de sacrifício seria considerada como um dos dons de sua natureza, em função de sua vocação materna, e então enaltecida e ‘santificada’. A mãe passa a ser tratada como mártir da modernidade, ganhando um valor positivo e inexistente até então. Seu sacrifício a redimiria dos pecados de Eva e ela, pelo sofrimento e renúncia, seria colocada no pedestal. Ser mãe é padecer no paraíso: num mundo divinizado a mulher purga suas culpas e atinge uma espécie de beatificação (NUNES, 2000a, p.49).

Ainda, de acordo com Nunes (2000a), desde o século XVIII, a partir da difusão das

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

ideias de Rousseau sobre a mulher, a essência feminina foi sempre remetida à ternura, à delicadeza e à submissão. Mais acima de tudo está o fato de somente elas poderem ser mãe e de conseguirem externalizar o sentimento de amor aos outros, sem constrangimento.

Em “Amor à voz”, Cássia Fernandes mostra um feminino mais resiliente. Mariana é uma personagem autônoma e sem tabus, que fala abertamente sobre o corpo, a sexualidade e os seus prazeres. “E quem hoje precisa de um corpo? Em qualquer sex shop há partes deles, próteses” (FERNANDES, fala de Mariana, “Amor à voz”, 2021, p. 12). Já a amiga Eleonora é o seu oposto, pois tem uma visão retrógrada e preconceituosa sobre afetividade e sexualidade feminina.

Mariana tem uma postura segura e desapegada dos modelos patriarcais recebidos em sua educação, não se deixando atacar pelas reprovações que recebe dos outros.

[Fala de Eleonora] ‘Mas não é um relacionamento baseado no interesse? Ele não te faz cobranças diárias?’

[Mariana] ‘Que relacionamento não tem suas faturas? É bem verdade que venho gastando muito em compras. Mas o amor sempre foi perdulário. De resto é uma relação saudável. Mantemos nossa independência e privacidade. Eu entro. Ele fica lá, no espaço dele. É como um desses casamentos modernos, em casas separadas’ (FERNANDES, “Amor à voz”, 2021, p. 12).

Embora o amor de Mariana pela cancela do Shopping pareça uma esquisitice para todos, suas alegações convencem a inflexível amiga, que nunca havia deslumbrado um relacionamento naqueles termos. Por fim, Eleonora termina a narração com um discurso espirituoso,

‘Você está certa. Será que ele tem algum amigo, digo, uma voz grave e viril para me apresentar? Quem sabe de um supermercado. Há um excesso de vozes agudas e femininas. Dizem que existe uma voz masculina do GPS. Você conhece?’ (FERNANDES, Fala de Eleonora, “O Amor à voz”, 2021, p.12).

Concluindo, as personagens femininas nas duas crônicas relatam um universo de muita falta. Expõe medos e inseguranças diante às cobranças sociais sobre o corpo da mulher e maternidade. O envelhecimento, que deveria ser uma etapa na vida a ser comemorada por Mariana e Mônica, passa a ser sinônimo de abandono e improdutividade. Assim, a coisificação do ser humano, a busca incessante pelo hedonismo e as relações afetivas superficiais estão, cada vez mais, levando as pessoas à depressão e ao desespero de serem

excluídas ou, utilizando um termo das redes sociais, “canceladas” pelo outro.

Considerações finais

O texto cronístico é uma composição em que a criatividade, o humor e a ironia colaboram para que a leitura de uma realidade, mesmo dura e cruel, não perca a beleza do estético. A crônica é um convite à reflexão do leitor acerca da contraditória natureza humana, por meio de incontáveis assuntos retirados do cotidiano.

Nas duas crônicas, “Amor à voz” e “Os lugares imprevistos do amor”, de autoria da escritora e jornalista Cássia Fernandes, compiladas no *e-book A força da palavra*, apresentam o protagonismo feminino, discutindo sobre o amor, a solidão, a sexualidade e o envelhecer da mulher.

Mariana e Mônica se sentem inconformadas de não terem um companheiro e não desejam envelhecerem sozinhas. É pauta, comum às duas narrativas, a discussão sobre o etarismo feminino. E como isso está atrelado à ideia de validade do produto na sociedade de mercado. Essas protagonistas sabem que a chegada da velhice tornará ainda mais escasso o relacionamento com alguém, sendo inevitável, portanto, a solidão tão temida. Para ambas, aos olhos dos outros, o amor tem sentido de segurança e de sucesso em matéria de afetividade. Mariana, com uma postura mais liberal, consegue, de maneira excêntrica e divertida, apaixonar-se pela voz da cancela do Shopping Center. Já Mônica ansia pela felicidade, que julga estar no casamento com filhos. Ela romantiza a figura ideal de homem como o provedor e salvador.

O protagonismo feminino nos dois textos analisados evidencia uma modernidade que padece dos males do desmoronamento das relações humanas e do repentino esfriamento do desejo nos relacionamentos. Mas, nem por isso, essas duas personagens desistem de conhecer alguém. Pelo contrário, elas driblam o possível sentimento de rejeição e se permitem experimentar o desconhecido e o inusitado em matéria de amor moderno.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. “A força da Palavra”. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In.: *O Popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues. 2021.

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”**.

BOURDIEU, Pierre. “Anamnese das constantes ocultas”. In: *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CANDIDO, Antonio (1992). In. REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. “Crônica” In.: *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2007. p.87-89.

FERNANDES, Cássia. “O amor à voz”. In.: ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. “A força da Palavra”. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In.: *O Popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues. 2021.

FERNANDES, Cássia. “Os lugares imprevistos do amor”. In.: ALVES, Rodrigo; CARDOSO, Fabrício; BITTENCOURT, Silvana. “A força da Palavra”. Um olhar goiano refletido em 48 crônicas selecionadas. *E-book*. In.: *O Popular*. 83 anos. Edição de arte, capa e Ilustrações André Rodrigues. 2021.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1987.

MOISÉS, Massaud. “Crônica”. In. *Dicionário de Termos Literários*. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.p-110-111.

NUNES, Silvia Alexim. “O século XVIII e a construção da imagem materna”. In.: *O corpo do diabo entre a cruz e a calderinha*. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a fertilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NUNES, Silvia Alexim. “ O século XIX entre a bela e a fera”. In.: *O corpo do diabo entre a cruz e a calderinha*. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a fertilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

PLONER, KS., et al. “O significado de envelhecer para homens e mulheres”. SILVEIRA, AF., et al., org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 142-158.

SOARES, Angélica. “Crônica” in.: *Gêneros Literários*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. p.64-65.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. “Crônica” In.: *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2007. p.87-89.

RITA, Annabela. “Crônica” In.: CEIA, Carlos. *E- Dicionário de Termos Literários*, 2018. Disponível em:

GANDRA, Jane Adriane. **O AMOR E O ENVELHECER DA MULHER EM DUAS CRÔNICAS DE CÁSSIA FERNANDES: “Amor à voz e “Os lugares imprevistos do amor”.**

<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cronica/#:~:text=Derivado%20do%20lat.&text=Inicialmente%2C%20a%20cr%C3%B3nica%2C%20mais%20geral,Hist%C3%B3ria%20moderna%20tender%C3%A1%20a%20elidir>. Acesso: 07.05.2021.

Recebido em 22/06/2022

Aprovado em 28/08/2022